



Capa e Batina

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA



Editorial

TEMOS NOVO REITOR! Eis a sua MENSAGEM

“Ser Reitor da Universidade de Coimbra, uma Universidade com mais de 700 anos de História, é indubitavelmente uma grande honra. No entanto, quando se constata que, para além de um passado muito rico, há um presente que nos orgulha, tanto pelo número de alunos e de cursos, como de centros de investigação, tanto pelo número de publicações por ano, como pelo número de congressos que todos os anos se realizam, a honra é ainda maior. De igual modo, ser aluno ou ter sido aluno de uma Universidade como esta não pode ser considerado honra menor.

Consciente de que, sendo agora Reitor, também antes fui aluno da Universidade de Coimbra, a minha única Universidade, sinto-me particularmente honrado por desempenhar este cargo. Daí que, para o mandato de quatro anos que iniciei em 24 de Junho de 1998, eu tenha exigido o máximo de mim próprio.

Elegi como prioridade fundamental a qualidade do ensino. Sei que, globalmente, tal como tem vindo a ser confirmado em diversas avaliações externas, pode afirmar-se que é boa a qualidade do ensino que se pratica na Universidade de Coimbra. Mas sei, igualmente, que tanto os estudantes como os seus professores nem sempre estão satisfeitos com essa qualidade. Os problemas pontuais existentes vão sendo identificados e estão já a ser objecto de uma rápida intervenção.

Claro que a melhoria da qualidade do ensino passa pela melhoria da qualidade da investigação científica. Sabendo-se que a Universidade de Coimbra está francamente acima da média nacional no que respeita à classificação dos seus centros de investigação, torna-se necessário apenas consolidar essa qualidade e apoiar os investigadores que não estão integrados ainda em centros. E também aí o trabalho de apoio está já a realizar-se e dará em breve os frutos esperados.

A abertura da Universidade para a comunidade vinha a processar-se normalmente. Sabedor da importância deste tipo de ligações, propus-me apoiar todas as já existentes que se tivessem revelado profícuas e incentivar o aparecimento de novos laços que potenciem o desenvolvimento de trabalhos de investigação, em áreas de ponta, voltados para a aplicação prática ou a abertura de perspectivas para futuros empregos de jovens licenciados pela Universidade.

Esquecemo-nos muitas vezes que esta nossa Universidade é, pela sua história e pela sua importância actual, a universidade portuguesa melhor colocada no contexto internacional. O nome de Coimbra é sigla de um agrupamento de universidades europeias que mantêm entre si relações preferenciais (Coimbra Group); a Universidade de Coimbra é a universidade portuguesa que, no ano lectivo passado, mais projectos apresentou no âmbito do Programa Sócrates e a que mais alunos tem oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Todavia, durante os longos meses de pré-campanha e de campanha eleitoral, ficou claro no espírito de todos os intervenientes que havia uma autêntica vaga de pessimismo na nossa Universidade. Por isso, prometi lutar contra o desânimo e tornar visível tudo o que faz grande a nossa Universidade. Daí que era muito importante lançar imediatamente um Boletim de Informação mensal, a distribuir, antes de mais, por todos os professores, investigadores e funcionários, Associações Académicas e Organismos Autónomos, bem como por todos os locais onde pudesse chegar ao maior número possível de estudantes; nele constariam as principais notícias relativas à vida da Universidade, portanto, nele se mostraria a real situação em termos de projecção nacional e internacional, de intervenção junto da comunidade e de trabalho produzido. No dia da Abertura Solene das Aulas (14 de Outubro), foi lançado o primeiro número desse Boletim que, para evitar certas confusões, acabou por ser mesmo uma Revista Trimestral e ter como título Informação Universitária. Está em distribuição e pretende-se que chegue rapidamente a todos os Antigos Estudantes de Coimbra, estejam no país ou no estrangeiro, para termos mais uma ponte a facilitar a ligação entre todos nós.

Saudações académicas

Fernando Rebelo”

A Voz da Filantropica

1 AINDA NÃO NASCEU! ...

*Mas já se sente
que vai ser feita por e com amor!
Aquele Amor
que Coimbra põe na gente
e em nós se mantém eternamente
em luta contra o Sofrimento e a Dor!*

Ângelo Araújo

2 A COMISSÃO DINAMIZADORA

Já está a trabalhar em grande: Dela fazem parte os Colegas:

- Maria Antónia Dionísio (813 39 50)
- Ângelo Araújo (355 49 65)
- João de Deus Quintela (849 76 85)
- Francisco Raposo (793 12 55)
- Maria Olga Reis Campos (840 62 19)
- Ida Almeida e Sousa (797 89 86)
- Maria Luísa Santos Brioso (848 39 51)
- António Albes de Matos (840 33 77)

Este grupo de trabalho tem a adesão expressa de Colegas Médicos e Juristas que colaboram com as suas especialidades para apoiar os nossos Sócios, através da Filantropica.

Entre eles contamos, já, com:

- Dr. João Menano (Radiologista)
- Dr. Alberto Janeiro (Otorrinolaringologista)
- Dr. Joaquim Oliveira Martins (Estomatologista)
- Dr. Ângelo de Araújo (Medicina Física e Reabilitação)
- Prof. Dr. Mário da Silva Moura (Medicina Física e Reabilitação)
- Dr. Augusto Camacho (Ortopedista)
- Dr. Abel R. Gaspar da Silva (Cirurgião)
- Dr. José Augusto Jardim Simões (Cirurgião)
- Dr. Fausto Tabora (Otorrinolaringologista)
- Dr. Francisco Cbichorro (Juiz Conselheiro)
- Dr. Francisco Raposo (Juiz Conselheiro)
- Dr. Arménio Cardo (Advogado)
- Dr. Augusto Costa Santos (Advogado)
- Dr. António Albes de Matos (Psiquiatra)
- Dr^a. Maria de Lourdes Castelo Branco (Advogada)

Aguardamos ainda muitas mais adesões.

Agradecemos todo o entusiasmo dos nossos Colegas que tanta força vieram dar a esta iniciativa.

Se souberes que algum dos nossos Sócios se encontra em

situação difícil, sem os apoios de que necessita de momento e em que possamos ser úteis, comunica-nos, por favor.

A. Dionísio

3 PENSA NISTO...

Convém não ignorar que, mesmo já não se estando neste mundo, continua-se, no entanto, ainda vivo, nomeadamente para o fisco e para os actos notariais, que são verdadeiros "abutres", prontos a descarnar o cadáver. Deixar este mundo é, no decurso do ano correspondente, deixar à família o cuidado de regularizar impostos relativos não apenas ao ano precedente, como os correspondentes à fracção do ano em que ainda se está vivo. Aos impostos vêm juntar-se todas as cotizações de seguros, as contas do gás e diversas dívidas, sem esquecer as despesas do funeral. Tanto que é preciso uma fortuna para cumprir todas estas despesas, podendo até ser-se obrigado a vender bens diversos, a curto prazo, como valores, imóveis ou o apartamento de que se poderia ter sido proprietário.

Uma das soluções é fazer em devido tempo um seguro de vida ou um seguro especial de liquidação de direitos de sucessão. Outra possibilidade é dispor, ao abrigo da lei, de valores ao portador que possam ser transmitidos a terceiros.

É preciso ainda pensar nos herdeiros - o cônjuge e os descendentes - e, para tanto, pedir conselho a um notário; há, com efeito, regras legais de repartição de bens e modalidades testamentárias diversas que é conveniente conhecerem-se. A exigência fundamental é, no entanto, que tudo esteja perfeitamente em ordem.

A Filantropica pretende vir a dispor de assessoria jurídica para te informar.

J. Quintela

4 O COFRE DA FILANTRÓPICA

Neste momento, os nossos fundos resumem-se a:

- 1 600\$00 provenientes de venda de livros e congéneres;
- 7 000\$00 de donativos;
- 100 000\$00 de um donativo do nosso falecido Colega Abel Almeida e Sousa.

É pouco para a obra que nos propusemos... "mas já se sente"...

Olga Reis

AGRADECIMENTO

BEM-HAJA, Colega Ida, pela sua generosidade em alimentar o Cofre da Filantropica com um donativo tão substancial!

Que sirva de exemplo e estímulo a outros Colegas na época Natalícia que se aproxima: Dos que têm para os que precisam!...

Luiz Goes - 1998

Para que conste dos anais da nossa Associação com registo no boletim “Capa e Batina”- que nos vai dando conta do que releva da nossa vida associativa e dos nossos associados - lembramos os actos que, ao longo do corrente ano de 1998, significaram o reconhecimento em Luiz Goes do criador e intérprete da Canção de Coimbra, com lugar destacado na galeria escrita daqueles que, respeitando no essencial as características identificadoras da matriz, cunharam a sua obra, através de caminhos estorvados, na busca do que é belo mas novo.

Houve que romper estéticas cristalizadas, geradoras, sem menosprezo do seu mérito, de um ambiente hostil e censório aos transgressores dos cânones.

Valeu a pena. O tempo, prova definitiva na avaliação do intemporal, veio conferir ao Luiz Goes a glória a que tem direito.

Neste lembrar, seria injusto deixar sem referência os contributos inestimáveis do grande guitarrista e criador João Bagão e do inteligente e inspirado poeta Leonel Neves, bem como os influxos artísticos de Edmundo de Bettencourt e de seu tio Armando Goes.

Glosar a obra de Luiz Goes nas suas vertentes interpretativa, musical e poética, e em tudo o que lhe subjaz, não é para esta estreita moldura das homenagens de que foi alvo. Fá-lo, e num texto lapidar, o Carlos Carranca, que o disse este ano, nos Paços do Concelho de Coimbra, na sessão evocativa do Dia da Cidade, 4 de Julho, na cerimónia de entrega a Luiz Goes da Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra, que o Município lhe atribuiu:

“LUIZ GOES

De Ontem, de Hoje e de Sempre

Dizia Teixeira de Pascoaes que a voz de Hilário "subia nas noites de Coimbra até se ouvir na lua". Era ele o primeiro grande cantor das inesquecíveis noites de luar da Velha Alta.

Hoje, no dealbar do novo milénio, cem anos depois de Hilário, a voz de Luiz Goes enche a noite, universalizando a toada coimbrã, penetrando fundo na cósmica inquietação do Futuro.

A alma de Coimbra é a voz de Luiz Goes e a voz de Luiz Goes é a telúrica e trágica da condição humana. A sua obra é um monumento humano. É obra moça. Não exhibe velhices precoces, é fruto de uma personalidade riquíssima, de uma sensibilidade invulgar e de uma visão plural da vida.

-É através de ti, da tua voz, das tuas interpretações, dos teus poemas, que Coimbra ultrapassa os limites da cidade, vai mais longe. Vai ao encontro de quem sonha, do homem só, adquire sangue novo.

Chega mais longe porque tu lhe insuflaste a tua própria vida, lhe deste a tua inteligência e a tua criatividade, inacessíveis aos que de Coimbra se contentam em imitar o estilo, a exhibir erudição, a contabilizar louvores.

Com Luiz Goes o canto de Coimbra rompe com a "lamechice", desce às raízes, ganha autenticidade e sensualidade. Luiz Goes não só canta, como escreve sobre nós, e fá-lo apaixonadamente. Os labirintos da nossa alma profunda percorrem as suas canções. São pedaços de nós, de Portugal, de uma paisagem física e humana que visceralmente somos.

Seus versos pedem canto. E o que é cantar? É talvez o meio de sermos por fora o que somos

por dentro. É escancarar o que nos vai na alma reduzindo a distância que nos separa. E não há forma mais perfeita de estar com os outros.

Em Luiz Goes habitam as múltiplas influências do trovador inquieto e intemporal, do poeta, do respeitador da tradição no que ela possui de essencial, rejeitando exibicionismos vocais, poéticos saudosismos serôdios e intransigências reaccionárias.

Luiz Goes é um cantor da Saudade. Mas de uma saudade que nos faz compreender que todos nós compartilhamos num ser universal.

Mergulhando as suas raízes num sebastianismo pascoaliano, de raiz popular, não desdenha, estou certo, subscrever a afirmação do poeta de "Marânus": "**Em Portugal o que existe é o Povo e os seus Poetas.**"

Este é o homem que, exteriorizando as suas faculdades de artista, a sua inteligência, a sua emotividade, realizou uma das mais belas e imperfeitas obras de que a cidade do Mondego se orgulha: a união da tradição com a modernidade.

Goes conseguiu retirar o chamado Fado de Coimbra da modorra em que se encontrava e dar-lhe a dimensão transgressora que os novos tempos exigiam, sem o conotar política ou partidariamente.

Na esteira de seu tio Armando Goes, que na opinião de Alberto Serpa era "**uma alma medieval em corpo de moiro, o da voz que nos fala e nos faz mal**", Luiz Goes prossegue essa herança de inquietude que encontrará exemplarmente personificada no poeta e grande renovador da canção de Coimbra, Edmundo de Bettencourt.

Bettencourt foi para Goes a liberdade criativa e o espírito criativo, a própria graça e desgraça do ser humano, alguém que preferia pôr o talento na arte a pô-la na vida, alguém que o marcou para todo o sempre.

Goes virá a representar no panorama da canção coimbrã, ainda que tardiamente, o espírito da geração da "**Presença**", singularizando-se. Ele é a Arte Viva, pela originalidade, pela sinceridade.

Luiz Goes realizou, assim, nos anos 60, alguns dos objectivos da "Presença" iniciados no canto e na poesia por Edmundo de Bettencourt.

Muito cedo a voz portentosa e cheia de Luiz Goes se impôs como expoente da canção coimbrã.

Ainda na década de 40, integra um grupo de amigos que, no liceu D. João III, se inicia no chamado Fado de Coimbra. Eram eles: António Portugal, Zé Dias, Costa Brás, Manuel Mora e Zeca Afonso.

Depois foi um nunca mais parar, deixando o seu nome ligado ao Orfeon Académico, à Tuna, ao Grupo Coral da Faculdade de Letras.

Na década de 50, mais uma vez acompanhado por António Portugal, grava um disco memorável, iniciador da viragem qualitativa que há muito se impunha, e que ficou conhecido por "**Coimbra Quintet**".

Mas é na década de 60, regressado da Guerra Colonial, que o criador e intérprete se revela em todas as suas potencialidades.

Novos rumos de criação poética, novas pautas, novos sons exigem de Goes um mais além que a sua dimensão de artista dramaticamente rasgou, buscando horizontes novos.

Gostará Luiz Goes que neste momento seja recordado o seu amigo João Bagão, virtuoso da guitarra, companheiro imprescindível na razão dos seus êxitos, partilhados à viola por António Toscano, João Gomes e Durval Moreirinhas.

Assim, em Lisboa, nos anos 60, Coimbra ganhava dimensão de Capital.

Não há memória de a Canção de Coimbra ter atingido uma tão grande popularidade.

O Goes ouvia-se por todo o lado. Os seus versos e os do poeta Leonel Neves tornam-se referências obrigatórias em encontros da juventude:

*"Tu que crês num mundo maior e melhor
Grita bem alto que o céu está aqui.
Tu que vês irmãos, só irmãos em redor
Crê que esse mundo começa por ti" (L. Neves)*

*"Ao ouvir a voz do povo
é que se aprende a verdade
quem ama nasce de novo
e vive sem ter idade" (L. Goes)*

As canções incluídas nos LP's "**Coimbra de Ontem e de Hoje**", "**Canções do Mar e da Vida**", "**Canções de Amor e de Esperança**" e "**Canções para quase todos**" que mereceram, na altura, a incompreensão de alguns "puristas" do Fado de Coimbra com comentários do género "isto é tudo menos Coimbra" ou "Goes ultrapassou os limites", humildemente reconhecerão hoje que os poetas têm razão antes do tempo, antecipam os acontecimentos que só a juventude sabe compreender.

É por isto que Luiz Goes continua a acreditar. A acreditar nos jovens e nos futuros estudantes da sua terra e de todas as terras, e em todos os homens e mulheres capazes de um olhar virgem, em gente "**que traga uma palavra amiga, semente de esperança na seara da vida**".

- Neste dia de júbilo comemorativo, não consigo encontrar outra maneira de concluir estas palavras se não lendo um curto poema que António Toscano soube compreender, musicando-o, e tu soubeste interpretar, como ninguém. Parece ter nascido para o momento que estamos a viver. É de Miguel Torga. É teu porque o honraste assim como a terra que foi teu berço e hoje é, de novo, o teu lugar do canto - Coimbra.

*"Aqui, neste país e nesta hora
Aqui, junto dos meus,
Mortos e vivos.
Aqui, de pés atados,
Livre como os balões cativos,
Que pairam, ancorados".*

Carlos Carranca"



A Cidade de Coimbra honra Luiz Goes



O abraço do orador ao medalhado



A Presidente da Direcção da nossa Associação com os medalhados (Goes e Brojo) e os Magníficos Reitores (actual e ex...)

(Coimbra, na "Sereia", no "10 de Junho" de '94, tinha já sido para o Goes o palco de uma distinção a nível nacional: a condecoração com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique).

Linda em Coimbra, de grande significado, até pela envolvente afectiva, foi a homenagem que a Comissão Organizadora da Queima das Fitas, em conjugação com os organismos da A.A.C., celebrando o 20º aniversário do primeiro Seminário do Fado, prestou ao Luiz Goes.

Tratava-se, como foi escrito, da “... grande homenagem ao Doutor Luiz Goes, figura predominante do panorama musical coimbrão”. Duraram os festejos de 30 de Abril a 3 de Maio. E foi uma festa de comunhão com a juventude.

No primeiro dia, houve a abertura da exposição subordinada ao tema “*Luiz Goes - o percurso de um novo canto*”, no Edifício Chiado. À noite, teve lugar no café-teatro do Teatro Académico de Gil Vicente uma sessão de “*Diálogos*” com o Goes.

O dia 1 de Maio foi de passeio revivalista com o homenageado pelas zonas históricas da Cidade, com actuações surpresa de vários grupos da Academia: Orfeon na Capela da Universidade, serenata na Sé Velha, Grupo de Cordas da Secção de Fado da A.A.C. na Praça Velha, Orquestra Típica e Rancho e Orquestra da Tuna em frente da Igreja de Santa Cruz e dos Paços do Município. À noite, no Auditório da Reitoria, foram retomados os Seminários do Fado de Coimbra (V Seminário).

No dia 2, à noite, no Teatro Académico houve o espectáculo: “*Maio de 1978 - 20 anos depois - Homenagem ao Dr. Luiz Goes*”. Participaram vários grupos de fado dos anos 80 e 90, falou-se da “*história do canto de Coimbra*” e procedeu-se à entrega de medalhas comemorativas.

Culminaram os festejos em 3 de Maio com o descerramento de uma placa comemorativa no Penedo da Saudade - no Retiro dos Poetas: “*Homenagem da Academia ao Dr. Luiz Goes*”.

Em 1998, os actos públicos de preito ao Luiz Goes não se confinaram a Coimbra, terra de seu berço e de sua formação.

Cascais, terra onde fixou residência e de crescente actividade cultural, não esqueceu o seu ilustre munícipe.

Por ocasião das “*Jornadas de Educação e Cultura do Concelho de Cascais*”, que ocorreram de 5 a 7 de Fevereiro, sessão em que usaram da palavra Almeida Santos, Carlos Carranca, José Dias, Carlos Couceiro e António Toscano, foi o Luiz Goes homenageado, tendo-lhe sido entregue uma placa comemorativa.

Nas comemorações do 25 de Abril, que tiveram lugar no Teatro Gil Vicente, em Cascais, Luiz Goes foi a personalidade homenageada. O titular do Pelouro da Cultura sublinhou, na circunstância, a postura cívica do homenageado em prol da liberdade, participando deste modo no movimento percussor da democracia.

Em 7 de Junho, dia de aniversário da Vila (foral concedido por D. Pedro I), em acto solene também no Teatro Gil Vicente, foi-lhe entregue a Medalha Municipal de Mérito Cultural, por ter sido uma das personalidades escolhidas pela Vereação do Município para a atribuição de tal distinção.

Espera-se que o Luiz Goes continue a alimentar em todos nós a vontade de o homenagear sempre, criando e cantando como só ele o pode fazer e tornando-se alvo da homenagem que ainda lhe falta: a conjunta de todas as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra com as entidades Académicas, o que muito contribuirá para manter bem vivo e bem alto o “**espírito coimbrão**”.

António Toscano

Berçário/Creche - O PEQUENO POLEGAR

Aberto: 7h - 19h

Óptimas instalações, modernas.

Pessoal Especializado.

Inscrições abertas

Tel: 222 57 35 / 221 60 40

Torre da Marinha

Coimbra Também É de Portugal

Coimbra tem por lema nunca virar costas às manifestações de desdouro ou mesmo de esquecimento - porque a sua dignidade sobreleva qualquer afronta - e nunca desistir por desalento - porque ela é em si mesma uma Força!

O seu estudante, antigo ou actual, persiste sempre, graniticamente, em manter a sua Universidade e a sua Cultura no pedestal que merecem e em guindar a Canção de Coimbra, nas variadas expressões que o desenrolar das gerações lhe empresta, ao lugar cimeiro do tablado nacional.

Fá-lo, por sistema, apresentando-se despido daquela “pose doutoral” que, por vezes, assacam ao estudante de Coimbra para dele se afastarem ou relegarem para plano inferior; e respondendo a todas as manifestações de desprimor com um sentido de confraternização e solidariedade com todos os intervenientes nesse tablado, em pé de igualdade. E mantém esta postura mesmo que tal paridade se limite aos planos artístico e cultural, cifrando-se as condições materiais no puro altruísmo que só enobrece quem as aceita, quando sabe ser a única maneira de saírem sobrelevados aqueloutros valores em jogo.

Foi brandindo esta bandeira que Coimbra esteve:

- NO DIA 10 DE JUNHO -

Pela mão única da Dr^a. Simoneta Luz Afonso, membro da Comissão das Comemorações - cujo sentido do todo nacional e esclarecida abertura à iniciativa e às propostas da nossa Associação merecem um preito singular - Coimbra firmou-se e afirmou-se no **Programa de Animação** do Dia de Todos os Portugueses, celebrado no **Pavilhão de Portugal** da EXPO'98.

Assim, durante a tarde, actuaram na rua, por duas vezes, a “*Estudantina Universitária*” e a “*Orchestra Pitagórica*”, dois grupos de buliçosos jovens da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra, que arrastaram atrás de si bandos de visitantes e até cantaram com o Vitorino, numa comunhão de alegria e fraternidade tão própria deles.

À noite, teve lugar uma **Monumental Serenata** nas escadarias do Pavilhão da Utopia, à luz de uma lua (artificial).

Estas fotos ilustram bem:



A "Estudantina" na rua



A "Estudantina" com a sua Madrinha (e nossa presidente...)



A "Estudantina" e o Vitorino



Monumental serenata

Nela vemos os “*Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra*”, que atraíram uma verdadeira multidão com o virtuosismo e potência das suas vozes ímpares, os nossos Grupos de Fados “*Serenata de Coimbra*” e “*Porta Férrea*” (com as vozes do Mota, Rodrigues Rocha, Tito Costa Santos, Barros Ferreira, Arménio Marques dos Santos, Sutil Roque, Camacho e Luiz Goes) e do Grupo de Fados do jovem Manuel Portugal (de Coimbra).

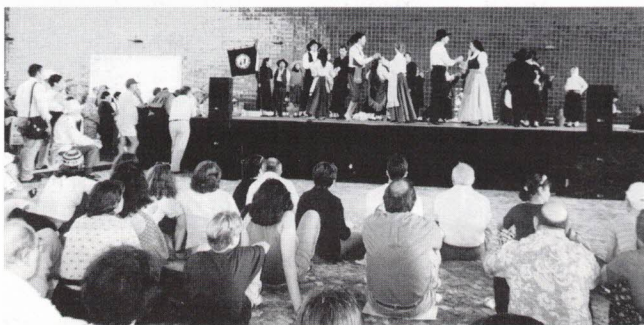
- NO PAVILHÃO DE PORTUGAL DA EXPO'98 -

Mais uma vez a “Fada” amiga de Coimbra (como dizem os jovens ...), Dr^a Simoneta, na sua qualidade de Comissária do Pavilhão de Portugal, apostou nos Grupos da Associação Académica de Coimbra para encherem o palco instalado na famosa “pala”, durante cerca de 2 horas, no dia 16 de Agosto, que culminou uma semana dedicada à região de Coimbra.

Em boa hora o fez: era ver os visitantes (in)comodamente sentados no chão e de pé, numa afluência para além das expectativas, a aplaudir (por ordem de audição) a “*Estudantina Universitária*”, a “*Orquestra Típica e Rancho*” e o “*Orfeon Académico*”; e a participar no baile que ali nasceu espontaneamente, tendo a Dr^a Simoneta dado uma mostra da sua jovialidade e simpatia (que são muitas...). Ora vejam:



A Dr^a Simoneta numa dádiva total



A “*Orquestra Típica e Rancho*” em pleno



“*Orfeon Académico de Coimbra*” mostrando o seu virtuosismo

- NAS “TARDES DE TELEFONIA” - RDP - ANTENA 1 -

Tem engrossado a nossa dívida de gratidão para com o director do programa, Sr. João Coelho, a realizadora, Sr^a D Maria José Dionísio, e o apresentador, o coimbrão Edgar Canelas, pela oferta - sempre de pé - de sucessivas oportunidades de difundirmos Coimbra e a sua Cultura e darmos testemunho dos movimentos associativistas dos seus estudantes, antigos e novos.

Assim foi que na 1^a intervenção (dia 21 de Abril) demos a conhecer ao País a vivência da nossa Associação, salientando os desideratos de ela se abrir cada vez mais ao exterior e estreitar a ligação com as outras Associações de Antigos Estudantes de Coimbra (no continente, nas ilhas e no estrangeiro), com os organismos da Associação Académica de Coimbra, pela vozes (em directo) do Magnífico Reitor, dos Presidentes da Assembleia Geral e da Direcção da nossa Associação, do Presidente da A.A.E.C. em Cabo Verde e do Presidente da Associação Académica de Coimbra.

A 2^a intervenção (em 27 de Maio), para além do testemunho do Presidente da A.A.E.C. em Coimbra, teve um cunho especialíssimo:

Figurar a participação de Portugal no dia 10 de Junho através da actuação, ao vivo e em assistência no auditório da R.D.P., dos Grupos de Fados que iriam actuar; da apresentação pelo Maestro Augusto Mesquita do programa dos “*Antigos Orfeonistas*”; pelos responsáveis da “*Estudantina*” e da “*Pitagórica*” dos respectivos programas, tudo coroado com as palavras e a voz do Luiz Goes, também coordenador do nosso Conselho Cultural.



O Goes com a M^a José e o Edgar

E teve também um clamor de legítimo protesto: até àquela data, Coimbra fora excluída das centenas de horas dedicadas ao Fado (pela mão de Carlos do Carmo) que integravam o publicitado programa de Animação da EXPO'98!

Nem os Antigos Orfeonistas, nem os Antigos Tunos, grupos de projecção internacional que dignamente têm representado o País nas várias partes do mundo, nem os Grupos cultores do Fado e da Canção, os Orfeons da A.A.C. haviam sido chamados, enquanto tais, a ecoar Coimbra, em notas altas e belas, para o mundo inteiro!

Clamor que não logrou ressoar nos tímpanos lisboetas como devia e seria de esperar!

Assim o dizem também os jovens estudantes, com a genuinidade e irreverência que lhes são características:

“-COIMBRA EXPOSTA DE LADO... -

É um facto inquestionável que a EXPO'98 representou um encontro de diversas culturas, o que muito orgulhou e dignificou o nosso país.

No entanto, como mostrou Portugal a sua cultura tão diversificada e rica, como foi tratada toda a história de um povo com mais de oitocentos anos?

Portugueses de “ontem” lembrados até à exaustão pelas aventuras de cruzar Oceanos... quanta riqueza nos trouxeram. Mas... e os outros?... E nós?

Hoje, uma parte de Portugal está triste. Coimbra, plena de saberes e tradições, foi traída!... que diria D. Diniz?...

A EXPO'98 pecou, ao “promover” o esquecimento de toda uma região impregnada de valores, que ecoam um pouco por todo o mundo. Embora nos custe admitir, Coimbra foi uma vez mais remetida para um plano micro-cultural como se se tratasse de um ente estranho à cultura portuguesa.

O Fado de Coimbra esteve presente nesta exposição na última semana de Julho “contra” as outras 18 semanas em que o Fado de Lisboa esteve efectivamente representado...

“Coimbra tem mais encanto na hora da despedida...” e “chega a ter saudades dela quem nunca nela viveu...”; parecem-nos, por vezes, afirmações sem razão de ser nos nossos dias. Nossa culpa? ... talvez seja... já que a preocupação, de há uns anos para cá, tem sido a luta exaustiva contra o regime de propinas, em lugar de querer mais e melhor para uma cidade, país e mundo.

No entanto, nem tudo são espinhos...

Na defesa e divulgação da nossa tradição não podemos deixar de lembrar o manifesto apoio que temos tido da parte de alguns que, como nós, não resistiriam à ideia de que os valores da cultura coimbrã alguma vez pudessem estar em decadência. Estamos, evidentemente, a referir-nos à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e à Dr^a Simoneta Luz Afonso - responsável pelo Pavilhão de Portugal -, pois só elas “remaram contra a maré”.

*Para vós, a nossa eterna gratidão...
... afinal, estivemos na EXPO'98.*

*Pedro Lopes”
(Presidente da Secção de Fado da A.A.C.)*

Mau grado seja o que seja, o Estudante de Coimbra, antigo e actual, não esmorece; antes protesta e reitera, onde quer que se encontre, a sua total disponibilidade para, de forma generosa e sem quaisquer outros objectivos ou intuito de protagonismos pessoais, participar em todos os eventos que proporcionem a divulgação da Cultura de Coimbra, na sua história, no seu presente e na sua projecção futura!

Fátima Lencastre

Os Nossos Passeios

O PASSEIO DA PRIMAVERA - AO MINHO

O Passeio da Primavera ao Alto Minho, nos dias 1, 2 e 3 de Maio, deixou em todos que nele tomámos parte uma recordação de encantamento que perdura ainda na nossa lembrança.

Estes Passeios, pelos três dias que geralmente duram, vão muito além dos habituais convívios das primeiras sextas-feiras de cada mês em que, por três ou quatro horas, nos reunimos nos jantares da “Valenciana”.

O tempo de viagem nos autocarros, as visitas de carácter cultural que se fazem, a estadia nos hotéis e as várias refeições em conjunto, aproximam-nos e obrigam-nos a uma convivência que faz de todos nós uma grande família que sente verdadeiramente o valor da amizade.

Como de costume, partimos da Cidade Universitária com destino a Vila Nova de Famalicão, onde chegámos por volta da uma e meia da tarde.

Perto de Vila Nova de Famalicão fizemos uma paragem em Santo Tirso para visitarmos o Museu Municipal que abriu de propósito as suas portas em dia feriado.

A “força” do Aurélio Ribeiro junto do Presidente da Câmara foi a chave mágica que nos proporcionou tão agradável visita. Ainda por cima, além da sua “força”, o Aurélio Ribeiro obsequiou a todos com os saborosos “jesuítas” locais.

O Museu está instalado no Mosteiro de Santa Maria de Riba d’Ave, antigo Convento de São Bento cuja fundação remonta ao séc. XIV. Depois da extinção das Ordens Religiosas foi reconstruído mas, infelizmente, totalmente desfigurado. Salvou-se o seu belíssimo claustro do séc. XIV, da primeira metade do gótico, que impressionou bastante todos os que aproveitámos a ocasião para o visitar.

A Igreja do Mosteiro, sendo toda já do séc. XVIII, também nos deixou uma agradável lembrança.

Depois de almoçarmos em Vila Nova de Famalicão no Restaurante “Francesa”, que nos

deixou muito bem confortados, seguimos para São Miguel de Seide.

A visita à Casa-Museu Camilo Castelo Branco era a grande atracção do dia.



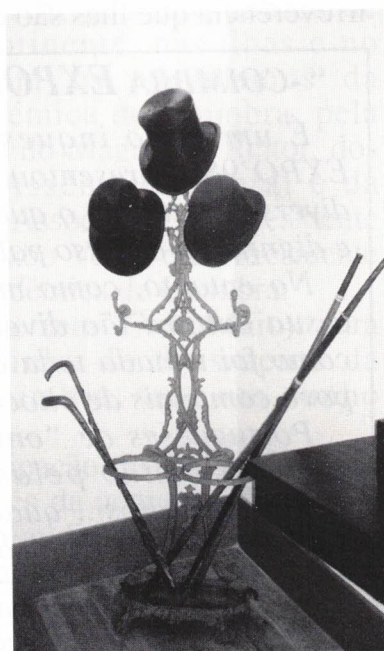
A visita à Casa-Museu Camilo Castelo Branco

A uma légua de Famalicão, logo a seguir à Igreja de São Tiago de Anta, fica São Miguel de Seide. Situa-se aí a Casa que Camilo habitou durante um quarto de século e que posteriormente, já em nossos dias, foi transformada em Museu de recordações desse grande e prodigioso escritor.

Em meados de 1915, a Casa foi devorada por um incêndio que a deixou bastante danificada. Já nessa altura não albergava as boas peças de mobiliário e sobretudo a biblioteca que Camilo mandou vender em 1883.

Ainda assim, vimos no quarto de dormir a velha cama de madeira africana em que morreu Ana Plácido. Na cozinha

conserva-se a velha lareira e na antiga sala de jantar vimos algumas gravuras e quadros, a par da cadeira em que se suicidou.



Casa-Museu Camilo Castelo Branco:
As bengalas e cartolas de Camilo

Bengalas, a sua célebre cartola e variados objectos de uso pessoal estão espalhados por toda a Casa. No rés-do-chão, pudemos ver ainda a boa Camiliana que a Casa-Museu alberga. O que mais sentimos na visita foi a atribulada e dramática existência de Camilo.

A maldição de Pinheiro Alves, o primeiro marido de Ana Plácido, a quem a Casa pertenceu, parece ter caído sobre o Homem que ainda por cima veio a ser o seu herdeiro.

O drama do seu filho Jorge e a acácia, que não é senão um rebento da primitiva que o fogo devorou, são recordações muito fortes que nos ficaram desta visita.

Depois de vivermos estas emoções que São Miguel de Seide nos trouxe à lembrança, partimos para a Póvoa de Varzim. Jantámos no Hotel “Vermar” onde ficámos instalados. O jantar foi oferecido pelo Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim e não desmereceu das quatro estrelas do Hotel.

A Comissão de Turismo obsequiou a todos com lembranças, contratando até um rancho folclórico que se exibiu especialmente para nós. Dançando-se animadamente ao som de um piano, assim acabou a noite no salão do Hotel.

No segundo dia, continuámos o nosso passeio por Barcelos, Ponte de Lima, Caminha, Ponte da Barca e Arcos de Valdevez.

Em Barcelos, tivemos forçosamente de demorar, muito embora isso não estivesse no programa. Era a célebre Festa das Cruzes que aí se realizava e não se podia perder essa oportunidade. Deambularam alguns pela feira que se realiza por essa ocasião, observando todo aquele movimento que os minhotos com seus ranchos e cantares emprestam às suas festas, visitando outros o Templo do Senhor da Cruz.

No Templo, que é uma construção barroca dos começos do séc. XVIII, está a riquíssima imagem flamenga do Senhor da Cruz, do séc. XVI que só por ela vale a pena a visita.

Com pequenas paragens em Ponte de Lima e Ponte da Barca, onde se visitaram alguns monumentos locais, prosseguimos para Monção, onde comemos um saboroso cozido à portuguesa no Restaurante “Arcada”.

Seguimos para Valença que visitámos mais demoradamente. O seu comércio de panos na parte antiga, com afluência enorme de galegos, foi a nota viva que despertou a nossa atenção.

Igualmente em Vila Nova de Cerveira não desperdiçámos a subida ao Monte da Pena. Do seu miradouro a vista é das mais deslumbrantes que o Minho nos oferece.



Vila Nova de Cerveira - Monte da Pena



Viana do Castelo - Alto de Santa Luzia: Templo do Sagrado Coração

Passando por Caminha, chegámos a Viana do Castelo, onde fizemos uma pequena paragem no Alto de Santa Luzia para visitar a Igreja e observar a paisagem à sua volta.

Descemos para jantar num restaurante típico que nos proporcionou um arraial com marchas e ranchos folclóricos, depois do que continuámos para a Póvoa, alojando-nos de novo no Hotel “Vermar”.

A nossa digressão continuou pelo terceiro dia já em direcção ao sul. Aveiro era o nosso destino.

O itinerário assinalava a passagem por Vila do Conde, Espinho e a Barrinha de Esmoris. O tempo era de Primavera.

Chegámos cedo.

Antes do almoço, fizemos a visita ao Museu de Santa Joana a Princesa.

Está instalado no Convento de Jesus que foi o recolhimento dominicano de freiras, fundado em 1458 por Dona Brites Leitão, Senhora de Ouca.

O Convento ganhou fama e riqueza a partir do ingresso de Santa Joana, filha do Rei D.

Afonso V, que não chegou a professar. Albergando a filha de D. Afonso V, facilmente pelos anos fora foi sofrendo transformações que o celebrizaram.

O interior da Igreja, com a sua Capela Mor, é sumptuoso.

A Capela de São João Baptista em talha dourada, o Púlpito, o Coro Alto com tecto de madeira, bem como a Capela das Fundadoras e o Túmulo de Santa Joana em embutidos, o Claustro e a sua Fonte, por si só, são já um conjunto preciosíssimo.

O Museu alberga colecções riquíssimas de arte sacra, pintura, escultura, tecidos e paramentos, códices valiosos e o Tesouro completam o seu recheio.

Foi difícil reter tanta obra de arte numa breve visita como foi a nossa. Porém, o grande Sacrário do Convento de Sá, os Tocheiros, Lampadários e as Alfaias para servirem ao Culto que eram pertença do Convento não saem nunca da memória. O retrato da Infanta Santa Joana em traje de côrte e São João Evangelista, ambos atribuídos a Frei Carlos,

bem como as célebres Tábuas da Senhora do Leite, Senhora da Madressilva, Ecce Homo, São Tiago e os dois valiosos Trípticos são as peças que qualquer grande museu não desdenharia.

Depois do almoço no Restaurante “Solar das Estátuas”, continuámos a viagem para a Vista Alegre, onde visitámos o seu Museu que foi criado em 1910 com exemplares das diferentes fases do fabrico da sua célebre louça.

Tem em exposição espécies do Primeiro Período que vai de 1824 a 1834, com pinturas ainda bastante deficientes, sobretudo nos espécimes dos primeiros ensaios de 1832-1838.

Porém, as porcelanas do chamado Período Brillhante, com pinturas no estilo 2º Império do pintor ceramista francês V. C. Rousseau, fascinam pela sua beleza.

A visita valeu a pena.

Cumprido que foi o programa do Passeio da Primavera, a viagem continuou até Lisboa.

No percurso houve, entretanto, a habitual visita ao leitão da Bairrada para regalo e consolo dos nossos gourmets.

João Maria

A VIAGEM AO BRASIL

Esta incumbência que me deram de escrever umas linhas para o “**Capa e Batina**”, a propósito da viagem que a nossa Associação fez ao Brasil, em Agosto e Setembro passados, com tanto êxito, não foi muito do meu agrado. E não foi, por variadas razões que facilmente se compreendem.

O Brasil é o país da diversidade.

Os brasileiros transportam, em si mesmos e na sua própria alma, as características dos primitivos indígenas e dos negros que foram de África. A miscegenação com portugueses, europeus e asiáticos deu origem a uma Cultura única que se espalhou por todo aquele imenso País.

Enquanto toda a América espanhola se desmembrava, dando origem a variadas nações, nós soubemos manter a unidade do Brasil, preservando assim aquele enormíssimo território que é obra do génio dos portugueses.

De Coimbra, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, irradiava a sabedoria humana que ajudou também em muito aquilo que consideramos hoje a Cultura do Brasil.

Com o crescimento da economia vieram estudar para a Universidade os filhos dos colonos que atingiam uma certa prosperidade.

A influência de Coimbra, principalmente nas Letras, ainda hoje se faz sentir.

A preservação da língua portuguesa deve muito à nossa Universidade. Toda a Cultura que nos fascinou durante a viagem por todo aquele imenso País é do conhecimento geral de todos nós que convivemos com ela, há bastantes anos, através das telenovelas que as nossas televisões exibem diariamente.

O meu desagrado é precisamente por não escrever nada que não seja do conhecimento, mesmo de quem nunca foi ao Brasil.

Mas rebuscando nas minhas notas de viagem, vou ver se consigo alinhar algumas impressões que me ficaram.

A alegria e a boa disposição dos 86 participantes estava estampada no rosto de todos.

Com toda essa jovialidade rumámos ao **Rio de Janeiro**, fazendo escala em Frankfurt.

Formaram-se dois grupos para mais facilmente se organizarem as deslocações e os alojamentos nos hotéis.

Os quatro primeiros dias foram passados no Rio de Janeiro, a “*cidade maravilhosa feita de encantos mil*”.

É obrigatória a visita ao *Corcovado*, ao Cristo Redentor.



Corcovado - o Cristo Redentor

Todos puderam ver um dos mais belos panoramas que a natureza pode proporcionar.

A Floresta da Tijuca e toda a sedução das praias fez parte da visita obrigatória à Cidade. A Barra da Tijuca, Leblon, Ipanema, Copacabana e o Morro da Urca são os pontos turísticos da grande Metrópole.

Nos tempos livres deambulámos ao sabor do gosto de cada um.

Os vestígios antigos dignos de uma visita são raros. No Centro Histórico reúne-se um conjunto que mereceu uma visita atenta.

Já conhecíamos a *Igreja da Glória* construída em 1720, o *Convento de Santo António* começado em 1608 e terminado em 1780, a *Praça Tiradentes*, a *Igreja de São Francisco de Paula*, a *Igreja do Carmo*, a *Candelária* e o *Mosteiro de São Bento*; mesmo assim, não resistimos à tentação de mais uma visita.

Claro que a Gastronomia também faz parte da Cultura e no “Plataforma 1” houve um jantar animado com um espectáculo de samba e mulatas.

O grupo de que fazíamos parte participou num cruzeiro à **Ilha do Bernardo**, onde almoçámos. O embarque deu-se em Itacuruçá, a poucos quilómetros do Rio de Janeiro. A Ilha do Bernardo é particular e pertence a um grupo de ilhas, todas com o mesmo estatuto e que estão abertas ao turismo.

Deixámos o Rio lamentando o pouco tempo que tivemos. O Brasil é tão grande que ainda por lá andávamos a esta hora se nos fosse dado o tempo preciso.

Seguimos para a **Foz do Rio Iguaçu**.



As Cataratas do Rio Iguaçu

O Parque Nacional e as Cataratas são paisagens das mais espectaculares do Universo. Com oitenta e dois metros de altura e quatro quilómetros de largo, separando a Argentina do Brasil, as Cataratas causam um forte impacto no visitante. Tivemos a felicidade de as observarmos com um descomunal volume de água como há muitos anos não acontecia.

O Parque Nacional, com os seus cento e oitenta e cinco mil hectares, é um bosque imenso com uma flora e uma fauna riquíssimas, constituindo uma reserva florestal não menos importante que a Amazônia. Era propriedade particular de um tal Gilberto a quem Santos Dumont um dia escreveu dizendo: “*é belo de mais para ser só de uma pessoa*”.

O tempo de espera no aeroporto de

Brasília permitiu-nos uma visita à célebre capital federal. Curiosamente, visitando o Santuário Dom Bosco, acabámos por participar numa missa mandada celebrar pelos alunos finalistas da Faculdade de Direito, que ostentavam os seus trajes académicos.

A viagem continua rumo ao Norte.

Com escala em São Paulo, vamos em direcção a **Belo Horizonte**.

No primeiro dia saímos para Congonhas do Campo, Ouro Preto e Mariana. Foi uma bela viagem com uma paisagem deslumbrante.

Recordo à beira da estrada árvores de folhas brancas lembrando prata, as Embaúbas, outras cheias de flores de um amarelo forte, as Ipês e ainda outras, cujas flores deslumbravam, chamadas Alfinetes de Princesa.

Congonhas do Campo surgiu com a exploração do ouro em princípios do séc. XVIII. Entre os inúmeros aventureiros que ali tentaram a fortuna, estava um tal Feliciano Mendes, natural de Guimarães. Com recursos próprios e esmolas que foi angariando, Feliciano Mendes, em acção de graças por ter sido curado de uma grave enfermidade, mandou construir o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, de quem era muito devoto.



Congonhas do Campo - Santuário do Bom Jesus de Matosinhos

Os melhores artesãos e artistas foram contratados para as obras do Santuário que se iniciaram em 1757.

Avulta entre todos, com fortíssima implementação, a figura de António Francisco Lisboa, “o Aleijadinho”. As estátuas que estão nas Capelas, no Adro e no Terraço do Santuário foram quase todas esculpidas pelo “Aleijadinho” entre 1800 e 1805. Em estilo barroco, são de uma grande beleza, sobretudo as que figuram nos Passos da Paixão de Cristo, no interior das Capelas.

Congonhas do Campo é visita cultural obrigatória pelo seu Santuário do Bom Jesus de Matosinhos.

Continuámos para **Ouro Preto**.

O almoço estava à nossa espera na “*Casa do Ouvidor*”. Depois de nos deliciarmos com a couve mineira, tutu, feijão tropeiro, lombo de porco, chouriço e linguiça, doces, café e respectiva cachaça, iniciámos a visita a essa linda cidade que é património da Humanidade.

A Matriz do Pilar, a Igreja de São Francisco, o Museu de Mineralogia e o Museu da Inconfidência foram pontos obrigatórios que muito nos impressionaram.

Toda a cidade nasce a partir do achamento do ouro. Algumas das suas construções civis mostram a influência do pombalino na sua arquitectura e são de uma harmonia que encanta.

O Palácio dos Governadores, actual Escola de Minas, com o seu carácter austero, a Casa dos Contos, exemplo marcante da arquitectura residencial do séc. XVIII, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, verdadeiro monumento ao barroco e a antiga Casa da Câmara e Cadeia, que abriga hoje o Museu da Inconfidência com uma arquitectura pombalina, são construções de grande dignidade.

A Praça Tiradentes é monumental no conjunto dos edifícios que a rodeiam.

De tudo o que vi e que mais me tocou foi o Museu da Inconfidência Mineira, precisamente pela lembrança dos **antigos estudantes de Coimbra** que foram justificados pela mão pesada do Marquês de Pombal.

Os ideais da Revolução Francesa foram levados de Coimbra para o Brasil pelos escolares que frequentavam a sua Universidade. Germinavam os ideais de independência.

A exploração do ouro era monopólio da Coroa portuguesa que concedia aos particulares o direito de mineração.

Os impostos respectivos eram pesados e subiam constantemente.

Com a criação da Casa da Fundição, a Coroa passa a exigir mais o quinto da produção. Acontece o mesmo com os diamantes e mais pedras preciosas.

Com a chegada em 1788 do novo governador Furtado de Menezes e as suas novas exigências, nasce a Revolta.

Baseada em informações prestadas ao Visconde de Barbacena por Joaquim Silvério dos Reis, que também era um dos comprometidos, é feita uma devassa que leva à morte ou à tortura todos aqueles que não puderam fugir.

“A Devassa” nasce da inconfidência de Silvério dos Reis. A cabeça de Joaquim da Silva Xavier, o “Tiradentes”, da sua profissão de dentista, chefe da revolta, ficou exposta na praça que tem o seu nome, depois de enforcado e esquartejado no Rio de Janeiro, mostrando bem a ferocidade da justiça do Marquês de Pombal. “A Devassa” apanha na sua teia vários estudantes da Universidade de Coimbra. O Museu abriga os instrumentos de tortura que serviram para a execução do Tiradentes, bem como a sua sentença de morte.

O dia terminou com uma paragem em **Mariana**, cidade que fica a doze quilómetros de Ouro Preto e que tomou o nome em homenagem a Dona Maria Ana de Áustria, mulher de D. João V.

Foi sede do primeiro bispado de Minas.

É uma imponente cidade colonial que visitámos apressadamente dado que vinha caindo a noite. Tivemos a felicidade de encontrar aberta a Sé de Mariana que é de uma beleza sóbria mas de uma enorme grandeza.

O interior é soberbo e toda ela está ornada de Frescos da autoria do pintor Ataíde. A sua

“Paixão e Morte de São Francisco” é uma obra de arte que era pena não a termos visto.

Seguimos para **Belo Horizonte**, capital de Minas Gerais, que visitámos pormenorizadamente no dia seguinte.

Depois da visita à cidade durante a manhã, almoçámos no restaurante “D. Lucinha”, que é famoso pela enorme variedade de pratos que serve. Tivemos aí a visita do **Cônsul de Portugal** em Belo Horizonte, também ele antigo estudante de Coimbra.

Durante a tarde foi-nos dado apreciar o Conjunto Arquitectónico da Pampulha que é um projecto do célebre Arquitecto Óscar Niemeyer.

Depois dessa visita, partimos para o Aeroporto Tancredo Neves com destino a **Manaus** que está no coração da Amazónia.

Quem é que nunca leu “A Selva” de Ferreira de Castro? A Amazónia é precisamente como Ferreira de Castro a viu: *“imensa nos seus oito milhões de quilómetros quadrados, silenciosa e impenetrável”*.

Também nós sentimos isso mesmo e mais ainda porque a sobrevoámos.

Tivemos o privilégio de penetrar nessa imensa floresta, gigantesco pulmão do Mundo, que é a bacia hidrográfica do Amazonas. A bordo de canoas motorizadas, observámos a espectacular junção dos rios Negro e Amazonas, correndo lado a lado durante dezoito quilómetros, sem se misturarem. Entrámos pelos “igarapés” (rios estreitos) e pelas “igapós” (matas alagadas) e fizemos uma caminhada pela selva.

Ainda pudemos observar das margens dos “igarapés” e das “igapós” as comunidades de índios no seu dia a dia. Nunca mais tudo isso nos sairá da lembrança.

Depois do almoço no “Restaurante Flutuante”, voltámos a Manaus.

Manaus é uma extravagância urbana como alguém lhe chamou. Vive do comércio da borracha e do turismo.

Com a prosperidade que a borracha lhe trouxe, sobretudo depois que Goodyear e Dunlop se entregaram ao fabrico de pneus, começou uma nova fase urbana.

A espectacular Ópera de Manaus e a Alfândega são um produto dessa riqueza.

Na parte mais antiga estão ainda construções de muito interêsse: o Mercado Municipal, o Porto dos Ribeirinhos e as características casas tipo “palafitas”.

Depois de Manaus, a nossa viagem levamos a Fortaleza e ao Recife, onde estaremos nos próximos três dias.

Estamos no Nordeste do Brasil. Temos a impressão de estar num país diferente.

Começou por estas bandas a colonização portuguesa e sente-se perfeitamente que estamos em presença de uma outra cultura.

O Nordeste é a legendária aridez do Sertão com os seus grandes problemas de pobreza. Nem sempre foi assim.

Na altura da colonização, as grandes plantações de açúcar eram o orgulho e a grande fonte de receitas da Coroa portuguesa.

A situação económica era bem diferente.

São dessa altura os monumentos que estão de pé. Depois, com a desertificação, veio o declínio e com o declínio as dificuldades.

As suas lindas praias, que conservam todos os seus encantos naturais, são as fontes de que o turismo actualmente se socorre.

Em **Fortaleza** gozámos as delícias da Praia de Iracema, onde almoçámos.

Antes tínhamos visitado a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, a Catedral, Dunas de Mucuripe, a Praia do Futuro e o Mercado onde alguns compraram “chiquíssimos” sapatos e outros objectos de couro.

Recife, capital do Estado de Pernambuco é uma cidade de mais de um milhão e meio de habitantes. No “tour” à cidade foi-nos dado ver a grande Metrópole com a sua Ponte Maurício de Nassau, Praça da República, Palácios da Justiça e do Governo, Teatro de Santa Isabel, etc.

O seu Centro Histórico e particularmente a Casa da Cultura, antiga Cadeia Penitenciária foram objecto de uma cuidada visita.

Na minha deambulação pela cidade e quando me desloquei ao grande supermercado “Mesblas”, que fica nos arredores, anotei a graça de algumas palavras de uso corrente que aqui registro.

Nos restaurantes promoviam o prato do dia com preços “di sucata” e quando se regateava nas compras, a desculpa de não haver descontos era porque o preço já era “di bânána”.

No Nordeste ficou inesquecível a visita a **Olinda**.

Do Alto da Sé e da Misericórdia vislumbra-se um dos mais belos panoramas.

Falar de Olinda é difícil. É forçoso visitá-la.

Fica a seis quilómetros do Recife e é património cultural da Humanidade.

Subimos a encosta da Sé e Palácio Episcopal, vendo, de caminho e sempre a pé a Praça do Carmo, Capela de São Roque, Igreja de Nossa Senhora da Graça e o Convento de São Francisco, o primeiro convento franciscano do Brasil, edificado em 1585, e que foi objecto de uma demorada visita.

Regressámos ao “Recife Mar Hotel” onde nos alojámos de novo, pensando já com tristeza que o final da visita se aproxima.

São Salvador e São Paulo são as próximas étapes finais.

Em **São Salvador** o programa da viagem incluía uma excursão pela Bahia de Todos os Santos em direcção à Ilha de Itaparica. Uma hora aproximadamente foi o tempo que o barco demorou na travessia. O dia estava lindo e o mar convidava a um banho.



Ilha de Itaparica - o mar convidava a um banho

Alguns não esperaram pelos botes que faziam o transbordo e lançaram-se ao mar cobrindo a nado a distância do barco à praia.

O almoço foi servido no Restaurante Solar Cabana da Praia.

Antes de embarcarmos para o regresso a Salvador, ainda nos demorámos um pouco junto da afamada fonte de água mineral, seguindo depois para a visita à Igreja de São Lourenço.

Já no dia anterior, logo depois da chegada, a noite foi aproveitada da melhor forma com um bom espectáculo folclórico que incluiu o jantar.

A cultura baiana esteve aí bem representada, mostrando-nos o Candomblé, Maculelê, Capoeira, Dança do Caboco, etc.

Foi um “show” muito participado em que alguns entraram mesmo a dançar o Forró.

Para o penúltimo dia, o programa incluiu a visita à Bahia Histórica.

Começou com a ida ao Mercado Modelo, junto ao elevador Lacerda, em que os últimos reais se começaram a evaporar, terminando com a visita aos seus famosos monumentos.

A Praça da Sé, Terreiro de Jesus, Largo do Pelourinho, Casa de Jorge Amado, Igreja de São Francisco de Assis, Igreja do Bonfim, Catedral Basílica e propriamente toda a cidade antiga impressionam bastante os visitantes.

O Convento de São Francisco, com a sua famosa igreja barroca, chamada a Igreja do Ouro, é uma maravilha revestida de azulejos oferecidos pelo rei de Portugal em 1730.



São Salvador - Igreja do Bonfim

A Catedral Basílica, do séc. XVII, lembra a Sé Nova de Coimbra. Tanto no Convento como na Catedral a influência dos jesuítas é notória.

Estava incluído o almoço na Escola de Hotelaria Senac. Serviu “só” quarenta pratos, exibindo uma enorme variedade gastronómica.

No dia seguinte, seguimos para **São Paulo** onde alguns ficaram um dia, embarcando os restantes para Frankfurt no avião que nos trouxe a Lisboa.

Terminou desta forma um sonho lindo que se viveu durante dezoito dias.

João Maria



No Teatro do Rio, com os 4 polícias que nos “protegeram” durante a visita ao Centro Histórico.



A alegria dos participantes em Belo Horizonte com o Cônsul ao centro.

Os Nossos Poetas

Acta

*Aos três de noventa e dois, e dia seis,
num pergaminho eivado de ternura,
conformou-se o sentimento com as leis,
Exarou-se coração em escritura.*

*Não se cabou no sentir autonomia,
Não brotará nova seiva da semente;
Há-de suar da velha cabra, dia a dia:
- Associação em Lisboa... Presente!*

*Foi afinal nosso acto de saudade:
Cabelos brancos, esquecidos da idade,
Neve caída sobre capa de estudante...*

*São lágrimas, abraços, são guitarradas,
São filhos de Coimbra que, mãos dadas,
Erguem à Mãe a mesma taça de espumante!*

*Se choras porque a noite não tem sol,
as lágrimas
não te deixarão
ver as estrelas.*

Tagore

*Mas eu ...,
eu quero poder continuar
a vêr no Céu as Estrelas ...;
e quero ver o Luar
que torna as noites tão belas! ...
- Por isso não vou chorar! ...
Apetece-me só Amar,
e Cantar,
e ver no Céu as Estrelas ...
- milhões de Sóis a brilhar! ...
É é por isso
que não vou chorar! ...*

6/3/92 por Carlos Rocha

15/6/97 por Ângelo Araújo



tecnovia
Sociedade de Empreitadas, S.A.

AJUDAMOS A CONSTRUIR O FUTURO

Mais Uma Tertúlia Académica

NEMÉSIO
UM POETA DOS AÇORES EM COIMBRA

A palestra de Eduíno de Jesus, a leitura de poemas por Maria Luiza Costa, a graça de Vitorino Nemésio em pequenos apontamentos contados por seu filho Manuel, que declamou um poema dedicado a seu Pai, e, ainda, a intervenção de Duarte Brás, que, com a sua bela voz, se fez ouvir em canções açoreanas não menos belas acompanhadas por ele mesmo com a sua viola, fizeram com que aquela noite de 19 de Maio não seja facilmente esquecida.

O primeiro interveniente a falar do grande poeta foi o nosso sócio, também poeta, Eduíno de Jesus, que começou por se referir a Nemésio Estudante de Coimbra. A sua ida para aquela cidade, aos 20 anos, tinha como objectivo concluir ali o antigo Curso Complementar de Letras. Atingido esse objectivo matriculou-se na Faculdade de Direito, mas não levou ao fim esse curso. Embora tivesse concluído com êxito o 1º Ano Jurídico, Nemésio estava inseguro na sua vocação. Matriculou-se depois em Ciências Históricas e Geográficas, que acabou também por abandonar, tendo-se finalmente matriculado em Filologia Românica, o curso que melhor quadrava ao artífice da palavra que ele foi sempre e no qual se havia de licenciar e mais tarde doutorar-se.

Em seguida, tratando de Nemésio estudante trabalhador em Coimbra, Eduíno de Jesus fez referência ao poeta que, como revisor na Imprensa da Universidade e como colaborador de jornais (do Século, etc.), ganhava o seu sustento. Depois, o nosso palestrante ocupou-se de Nemésio na “liça teórico-política” de Coimbra, fazendo

uma alusão fugaz à entrada de Nemésio para a Maçonaria em Coimbra (Loja “Revolta”) e à sua passagem pelo Centro Republicano Académico, de que chegou a ser presidente. Mencionou também a sua participação na Questão Sebástica, alinhando por António Sérgio contra os sebastianistas (Antero de Figueiredo e outros) e a sua intervenção em comícios políticos organizados pela revista Seara Nova.

Por fim, o Eduíno dissertou brevemente sobre Nemésio escritor em Coimbra, abordando a obra literária de Vitorino Nemésio realizada em Coimbra. Começou por dizer que o mais importante dela foram os contos do Paço do Milhafre e o romance Varanda de Pilatos. Quanto à poesia, salientou o opúsculo de versos Nave Etérea, mas advertiu que essa obra ainda não anunciava o grande poeta que Nemésio iria ser. Foi feita ainda referência à participação de Nemésio na vida literária que fervilhava no meio estudantil e que iria conduzir ao movimento da Presença. Dessa vida literária eram indício algumas revistas que surgiram em Coimbra, como Bysâncio e Conímbriga, em que Nemésio colaborou, e mais ainda a Tríptico, da qual foi fundador com Afonso Duarte, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões. Nessas revistas surgiram como colaboradores alguns jovens que iam ser figuras de primeiro plano no movimento da Presença, como os dois últimos citados e ainda José Régio, Fausto José, António de Sousa, etc. O próprio Nemésio colaborou na Presença.

Duas poesias de Nemésio sobre Coimbra

foram lidas em complemento desta primeira parte da palestra pela nossa associada Maria Luiza Costa, diseuse especializada em Vitorino Nemésio.

A última parte da palestra do Eduíno tratou de Nemésio intérprete da alma popular Açoriana. Eduíno de Jesus fez uma introdução filológica a duas décimas de Vitorino Nemésio - “*Décima do Pastor da Rapa*” e “*Décima de Genuína Quando Foi para a América*” - do livro de “*Décimas e Cantigas de Terreiro*” intitulado Festa Redonda, as quais foram seguidamente lidas por Maria Luiza Costa com a sutileza da expressão muito própria do estilo nemesiano e salientando ao mesmo tempo o acento típico do falar popular terceirense em que aquelas décimas foram escritas.

Terminados estes belos momentos em que participaram o Eduíno e a Luiza, seguiu-se a intervenção do Manuel Nemésio, filho do grande Poeta, que começou por agradecer aos Pais a educação que lhe deram, pondo em evidência o ambiente familiar que viveu na companhia deles e de seus irmãos, enaltecendo o carácter, a personalidade e o saber daquele a quem devia a VIDA sem nunca esquecer a Mãe. Palavras sentidas de um filho muito reconhecido.

Como não nos é possível, devido à falta de espaço do nosso Capa e Batina, fazer um relato mais permonorizado de quanto nos disse o Manuel, e que tão aplaudido foi, dos vários episódios cheios de um humor fino passados com seu Pai, não resistimos à tentação de contar este, tal como nos contou:

“Estávamos nós todos à mesa, daquelas mesas grandes com abas. Depois de algum atraso dos mais pequenos, onde eu me incluía, com a sopa já a arrefecer e com o meu Pai distraído, mas já um tanto inquieto, com três colheradas de sopa já provadas, apesar da visita de cerimónia que connosco se encontrava, uma aluna de meu Pai, a Dr.^a Maria Helena Lucas, muito boa pessoa, aliás,

mas muito envergonhada, cerimoniosa e chata, Deus me perdoe, e também muito crédula de tudo quanto lhe dizíamos mesmo que fosse a brincar.

Ainda me lembro do prato forte do almoço. Era arroz de galinha da quinta, com pastéis enormemente folhados, que eram uma delícia, lindos e gulosos, apresentados pela cozinheira Idalina, já velha lá em casa, que ajudou minha Mãe a criar-nos. Éramos sete, portanto, à mesa: a nossa convidada, minha Mãe, meu Pai, irmã Gi, irmão Jorge (Contra-veneno), irmão Manuel (Veneno) e irmã Ana Paula, todos numa autêntica confraria, com o velho hábito de que « à mesa os meninos não falam», só os adultos e, sobretudo, quando havia visitas, como era o caso.

A certa altura, porém, irmão Veneno e irmão Contra-Veneno começaram à disputa para se servirem da segunda perna da galinha, da primeira já o meu Pai se havia servido.

A coisa acendeu-se, quase bulhámos, a tal ponto que meu Pai perdeu a paciência e esquecendo-se da presença da nossa visita deu um murro na aba da mesa e a aba partiu-se com grande estrondo seguido de um enorme silêncio com o meu Pai a doer-se da mão e, acto contínuo, olhando para a cara vermelha de susto da Dr.^a Maria Helena, emendou a mão e queixou-se repetidamente: ai estes mosquitos!...ai estes mosquitos!... isto é uma praga!... Deu-se então o final da cena com todos a rirmos às gargalhadas, incluindo minha Mãe, excepto a Dr.^a Maria Helena que, aflita, o quis socorrer:

“O Senhor Doutor magoou-se muito, o Senhor Doutor magoou-se muito, é melhor chamar o médico”, ao que o meu Pai respondeu: “Isto não foi nada, isto passa, não se aflija, Senhora...”

Na parte final da sua intervenção o Manuel leu-nos esta linda poesia que dedicou a seu Pai e a que deu o nome de:

“POEMA BRANCO

*Dobro o papel branco
dois papéis brancos
quatro papéis brancos
oito papéis brancos
dezasseis papéis brancos
trinta e dois papéis brancos
Eram pequenos os papéis brancos
No cesto dos papéis brancos eram tantos
os papéis brancos, dobrados, amarrotados,
rasgados
Minha mão esguia de meu Pai
retirou do cesto dos papéis brancos, dobrados,
amarrotados, rasgados
o único poema branco, o trigésimo segundo papel
branco, feito de tiras brancas
envolvendo o ventre de meu Pai por entre os dedos
de suas mãos finas
suspensas do soro branco-incolor da vida dos
hospitais
Era um poema branco da alva das noites longas
em branco
na palidez do poeta
Da ferida do poema branco caíam gotas brancas
derramadas pela dor do poema branco.
Deslumbrado, vi encher-se de neve branca
a velha cartola preta do meu Avô Vitorino
Apoiado nos meus óculos de vidro branco
recitei o mais belo poema, dum puro branco leitoso:
Era um poema branco, dobrado, amarrotado,
rasgado
Poema do lençol fresco da alva do linbo branco
- meu Pai estendido na cama metálica do hospital
branco sofria pacientes dores embrulhadas em
ligaduras brancas inglesas
Era um poema branco de sangue branco vertido*

*das veias do tecido branco dos hospitais
- a cor pálida do poeta - doente do quarto 23 - e
vão dois, quatro
Oito dias dolorosos se passaram
Dezasseis dias dolorosos se passaram
noites em branco decoradas pela dor do poeta
Foi, então, que na última noite branca se deu o
milagre :
O poema branco pintou-se de azul:
Poema azul:
O poema azul pintou-se de vermelho:
Poema vermelho:
O poema vermelho caiu verticalmente na cartola
preta do meu Avô Vitorino
O poeta ergueu-se, muito fraquinho
núvem branca apoiada na bata branca de uma
pomba branca
Da cartola preta do meu Avô Vitorino
saíram: cinco pombas brancas, um céu azul, um
poema
branco (2ª edição)
e nas mãos esguias de meu Pai
circulou de novo o sangue vermelho da vida do
poeta .*

A encerrar a Tertúlia, o nosso sócio Duarte Brás deliciou-nos a todos, interpretando várias canções açorianas que tão bem ele sabe cantar, algumas delas com versos de Vitorino Nemésio.

As palmas que se fizeram ouvir no final da Tertúlia foram o testemunho mais expressivo do inteiro agrado de todos os presentes pelas intervenções do Eduíno, da Luiza, do Manuel e do Duarte Brás.

A eles se fica a dever esta noite de belo convívio em que se juntaram a cultura e a arte.

Gustavo Cerdeira

Página dos Sócios

COIMBRA... agarrou-me... e de que maneira!

Ao tempo em que cursei o Liceu - e já lá vão muitas e saudosas dezenas de anos! - não havia estudante no País, quer usasse capa e batina quer trajasse “à futrica”, que não tivesse um fraquinho pela “BRIOSAS”.

No meu caso especial, simpatizante embora do Benfica, quando havia um embate entre os dois clubes, “torcia” sempre pela Académica. Creio ser isso regra geral. E, naquele célebre ano em que conquistámos a Taça de Portugal, na final com o Benfica, ecoou, pelo País fora, de lés a lés, onde houvesse estudantes, a célebre quadra, de que muitos ainda se lembrarão:

“São horas de embalar a trouxa!

Boas noites, ó tia Maria!

Que a Malta ganhava a Taça

Já toda a gente o sabia!

Seja-me permitido evocar aqui, ao correr da pena, em jeito de saudade e homenagem, os nomes de José Maria Antunes, Tibério, Rui Cunha, Faustino, Octaviano, etc., que fizeram grande a nossa Académica.

Havendo ao tempo três Universidades apenas, a de Coimbra se sobrelevava às de Lisboa e Porto pelas tradições académicas - “Repúblicas”, Queima das fitas com humor e nível no seu Cortejo, “Troupes”, Serenatas, etc., etc. - e por especial magia que, em consequência, emanava do seu nome.

As leituras, entre outras, do “*In Illo Tempore*”, de Trindade Coelho, e do “*Palito Métrico*”, mais me aliciaram.

Mas as histórias ouvidas e/ou vividas pelo Dr. João Calado, Juiz em Mação e jornalista na década de 30; pelos manos Esparteiros e Dr. Margarido das Mouriscas; pelo Dr. Vicente Cadete da minha aldeia (Ortiga - Mação), pelos Drs. António Carriço e Zé Capelo, pelo célebre “Pica” e tantos outros, deslumbravam-me e enchiam o meu imaginário!

Passo por Coimbra a primeira vez só em 1938, integrado numa excursão do 6º ano do Liceu Central de Nuno Álvares, de Castelo Branco, sob a orientação pedagógica do Dr. Mendonça, professor de Desenho e a direcção do Vice-Reitor do Liceu, Dr. Celestino Rocha. E começa a ter forma própria e a articular-se o que até então era imaginação: a Universidade, a “cabra”, a Igreja de Santa Cruz, a Sé Nova, o Choupal, o Penedo da Saudade, o Jardim Botânico, a Quinta das Lágrimas, o Portugal dos Pequeninos... e até o “Bazólias”!

Hospedados no Hotel Mondego, fomos “obrigados a recolher cedo” por força de um

boato intencionalmente posto a circular para chegar até nós: ia nessa noite haver várias “troupe” para caçar os “bichos” visitantes! Hoje, à luz do bom senso, não acredito que qualquer República levasse tal intento a cabo, mas, à data, resultou e todos recolhemos cedo ao “vale de lençóis”.

Ficou-me para sempre no ouvido o badalado das horas (22H00) nos muitos relógios espalhados pela Cidade com sonoridades distintas, simultâneas umas e outras desfasadas no bater consoante o acerto de cada um. Tudo era fruto de um espírito ávido de colher e guardar as mais variadas emoções que a cidade me oferecesse!

Foi um dia feliz para mim, a que dei relevo no relatório apresentado no final de excursão que incluiu também Fátima, Nazaré, Alcobaça e Tomar.

Volto a Coimbra em Julho de 1939, para fazer o exame de admissão à Faculdade de Direito da nossa Universidade, de tão nobres tradições e nomeada. Instalo-me na Rua Borges Carneiro, no “Chalé dos Bicos”, na “República” do velho e simpático Sr. Ferreira, creio que avô do então quintanista de Direito Coriolano Ferreira e onde estavam também hospedados o Renato Cantista, quartanista também de Direito e um tal Melo que estava ali concluindo os Preparatórios de Engenharia, para ir depois para a Universidade do Porto. Bom ambiente e bom acolhimento. Ocorre-me ainda que, na citada rua, mais a montante, havia então um rendoso “comércio de aço”! Os 15 dias passados em Coimbra, em adaptação à vida universitária, bem como, mas principalmente, numa preparação mais intensiva e cuidada das três disciplinas básicas - Latim, História e Filosofia - foram muito úteis, obrigando-me a percorrer, vezes sem conta, o Jardim Botânico. Eramos 600 e tal candidatos para 120 vagas: era a rigidez do “numerus clausus”, apenas aplicável então a Direito e Técnico! O Presidente de júri foi o Professor Doutor Carlos Moreira que, logo no 1º dia, a anteceder a primeira prova escrita, nos fez uma prelecção, à sua maneira, no salão do Liceu D. João III.

As provas difíceis (em Latim um texto de Salústio; em História basicamente uma análise crítica à obra do Marquês de Pombal - naquela época que rasteira, Santo Deus! -; em Filosofia só o Manual do Lahr salvou os que por ele tinham estudado, visto ser mais profundo e completo que o livro oficialmente aprovado), mas, mesmo com o “roubo” dos três valores à classificação real de cada prova dos concorrentes, consegui ser admitido.

Tão logo foram abertas as matrículas e lá estava de novo em Coimbra, na Secretaria, a matricular-me no 1º ano. Logo me fiz sócio da Filantrópica, reservando-me para depois fazer-me sócio da “Briosa” e tentar ir para o Orfeão Académico. Que honrado me sentia e também vaidoso (seria pecado esta legítima vaidade?!) de estar já na Faculdade de Direito, de ser aluno da Universidade de Coimbra!...

Mas o “Destino” brinca connosco quando menos se espera e, por razões familiares, sou forçado a pedir transferência para Lisboa, ficando-me pelo velho Campo de Santana, em edifício fronteiro à então Faculdade de Medicina, tendo apenas a separar-nos o jardim e a estátua do, milagroso lhe chamam, Dr. Sousa Martins.

A mágoa e a tristeza foram atenuadas pelo convívio que viria a fazer com colegas de Direito, de Coimbra, ao frequentarmos os dois ciclos do Curso de Oficiais Milicianos do Serviço de Administração Militar, na Póvoa de Varzim em 1942 e no Lumiar em 1943. O espírito jovial e irreverente da mocidade coimbrã mitigou a dureza e rigidez

militares intra-muros (dos Quartéis) e durante os exercícios e marchas, amenizando o ambiente. Gratos lhe ficámos todos os alunos deste curso, de 117 soldados - cadetes!

Vou citar de memória nomes que tenho ainda presentes, sabendo embora que alguns deles já receberam guia de marcha para o “Além” e, relativamente a estes, curvo-me reverentemente em preito de homenagem, saudade e gratidão, pela boa camaradagem que nos fizeram!

Cito, pois, nomes bem conhecidos dos nossos Associados, alguns dos quais também são sócios da A.A.E.C. em Lisboa, aliás alguns até bem sonantes nos campos da Magistratura, Advocacia, Política, etc.: Afonso Fernando, Augusto Vítor Coelho, Danilo Martins, Fernando da Fonseca, Francisco Emílio Pimentel, João Alcides de Almeida, João Conceição Coucelo, João de Almeida, Sá Couto, Gomes de Almeida, Costa e Nora, Lobo Ferreira, Montalvão Machado, Lopo de Azevedo Coutinho e António Teixeira Marques.

Com alguns tenho ainda o prazer dum convívio anual, a comemorar o aniversário do citado Curso, cujo 57º estou já preparando, para Maio de 1999.

Tenho passado por Coimbra bastantes vezes, integrado em excursões de vários âmbitos e finalidades e em missões de serviço. E vou até lá sempre que posso para me inebriar e matar saudades, ainda que saiba que trago sempre mais que levo!

A finalizar esta breve “confissão pública”, direi apenas, reforçando de certo modo a tão celebrada e cantada “BALADA DA DESPEDIDA” ⁽¹⁾:

COIMBRA TEM SEMPRE ENCANTO
À CHEGADA E À PARTIDA!
TEM UM ESPECIAL “QUEBRANTO”
QUE NOS PRENDE TODA A VIDA!

Aos 28 de Agosto de 1998

Abílio Joaquim Patinho

⁽¹⁾ No 2º cruzeiro da TVI, em pleno Mediterrâneo, um grupo de antigos estudantes de Coimbra - só cerca de uma dúzia deram a cara e voz, não obstante irem muitos mais passageiros nossos antigos colegas - no dia designado de “os artistas somos nós”, cantou esta Balada que a assistência acompanhou em coro. O nosso colega Dr. Joaquim, promotor de tal intervenção, sempre jovem, dinâmico e de irradiante boa disposição que a todos contagia, foi um brilhante representante da Academia de Coimbra. E só não arrebanhou todos os prémios que a Direcção do Cruzeiro tinha para distribuir pelos passageiros, mediante as prestações de provas, com receio que lhe fosse levantado um auto por açambarcamento. As suas qualidades pessoais estão na razão directa da sua estrutura e, ademais, potenciadas.

**INSTITUTO DE BELEZA
CABELEIREIRO**

Góia

PREÇOS ACESSÍVEIS

SEG. A SEX.: 8H-19H / SAB. 8H-13H
Rua Casal Ribeiro, Nº40 - 2º Tel: 356 22 96

Se não sabias Ficas a saber que...

• Os nossos Colegas continuam a oferecer à Associação documentos, com muito interesse, sobre a vida académica coimbrã do seu tempo. Esses documentos já estão aptos para consulta e só esperam a vossa visita.

Os mais recentes foram oferecidos pelo Gualter Marques e Maria Olga Reis.

Contribuíram, deste modo, para o enriquecimento deste sector. Bem-hajam.

• O Moura Coutinho nunca se esquece de enviar para a nossa Biblioteca o Boletim do Vº Ano Jurídico de 1950 - OS FAUSTOS - Estão à disposição de todos, assim como as 576 obras já catalogadas na Biblioteca.

• O Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal convidou a nossa Associação para assistir à sessão de lançamento do livro: **EVOCAÇÃO DE HYLÁRIO NA COIMBRA DO SEU TEMPO** - Origem e evolução do chamado Fado Hilário - da autoria dos nossos Colegas Ângelo Araújo e Murta Rebelo, com a apresentação pelo nosso Sócio Cor. Anjos de Carvalho e uma Serenata pelo Grupo "Serenata de Coimbra", a realizar no próximo dia **24 de Novembro**, terça-feira, pelas 21 horas, na sede da SHIP, no Largo de S. Domingos (ao Rossio) em Lisboa.

• O DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA realiza-se no próximo dia **5 de Dezembro** em Coimbra, começando às 11h com Missa, cumprimentos ao Magnífico Reitor, almoço no *Palácio São Marcos* e matinée cultural no Auditório dos H. U. C. Preço: Sócio + 1 - 8.000\$00 cada. Não-Sócio - 9.000\$00.

Inscribe-te já! Na nossa Sede ou para Coimbra (telef. - 039 82 48 10).

• O BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS VAI PATROCINAR A NOSSA "**TOMADA DA BASTILHA**". DESDE JÁ OS NOSSOS PÚBLICOS E CALOROSOS AGRADECIMENTOS. NUNCA AS MÃOS LHE DOAM...

PRÓXIMAS ACTIVIDADES

- Dia **4 de Dezembro**, às 20h - o habitual Jantar na "*Valenciana*" (nas condições costumadas).

- Dia **10 de Dezembro**, das 15h às 19.30h - o "*Chá da Filantrópica*", na Associação da Força Aérea Portuguesa (AFAP), na Av. Gago Coutinho (do Aeroporto) nº 129. Autocarros: 5, 8, 19, 21,22 e 55.

Terás momentos de poesia e musical - tudo por 1.500\$00 por pessoa.

Inscribe-te já na nossa Sede (a lotação é limitada...)! Vem conviver com os Colegas menos jovens!

Será desta vez que os Colegas contribuem para a divulgação do Capa e Batina, com os selos de porte?!

Para já, **públicos agradecimentos** aos generosos Colegas que já os mandaram!!!

E a **maior gratidão** para a nossa Amiga Magdalena Lazar Serbanesco pelo angariamento dos anúncios aqui publicados

E quando teremos **todas as quotas** em dia?

CAPA E BATINA

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

CONTRIBUINTE Nº 502955597

AV. ALMIRANTE REIS, 256 - 1º ESQ • 1000 LISBOA • TELEF. 8494565 • FAX 8408664